

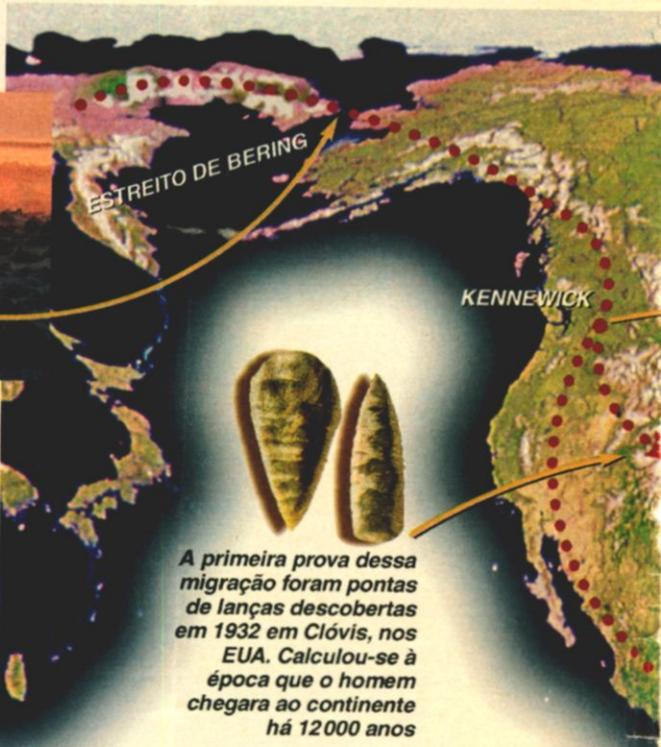
Reportagem de Capa

A SAGA DOS VELHOS B

Abra um livro didático qualquer de História ou Geografia e vá até o capítulo dedicado aos índios brasileiros. A chance é grande de que você encontre preciosidades como essas: os índios eram seres primitivos por andar nus pela mata, catando frutas e matando macacos. Não progrediram pelo fato de serem preguiçosos, o que obrigou os portugueses a trazer escravos africanos para a lida da lavoura. Ah, eram tolos também. Adoravam miçangas e espelinhos, pelos quais trocavam suas riquezas. De norte a sul – você leria – as tribos tinham a cara, língua e costumes bem parecidos. Tais conceitos começam a mudar. Pesquisas recentes indicam que os índios possuíam uma organização social muito mais complexa do que se imaginava. Eles formavam, e ainda formam, centenas de nações com culturas bem diversas entre si, o que indica serem seus antepassados, que chegaram pelo Estreito de Bering, originários de regiões distintas da Ásia. Essa saga, calcula-se agora, começou há 27 500 anos, 15 500 anos antes do que era aceito. Ainda há muito a descobrir, mas não já não há dúvidas de que os índios têm um passado e uma cultura tão grandiosos como os de qualquer outra etnia. Conhecer e ensinar sua história é a única maneira de garantir a sobrevivência desses brasileiros que têm hoje sua última chance sobre a Terra.



Não se sabe a data exata, mas os povos vindos da Ásia devem ter chegado às Américas pelo Estreito de Bering (no alto), há 27 500 anos. Acima, a reconstrução do rosto de uma mulher asiática que viveu nesse tempo



A primeira prova dessa migração foram pontas de lanças descobertas em 1932 em Clóvis, nos EUA. Calculou-se à época que o homem chegara ao continente há 12 000 anos



Bruno Azevedo

MATEMÁTICA ARQUEOLÓGICA

A Arqueologia é uma ciência de raras certezas, mas não gosta de especulações. Obrigados a trabalhar com pistas precárias, como lascas de pedras ou restos de fogueiras, os cientistas têm um truque para diminuir o fator “chute” de suas conclusões: estudam a maneira com que os povos recentes agem em situações determinadas e a tomam como padrão para explicar o comportamento dos homens pré-históricos. Por exemplo, a observação de algumas tribos mostra que elas expandiam seus domínios em média 1 km por ano. Se o povo de Monte Verde viveu ali há 12 500 anos e estava a 15 000 km de Bering, seus antepassados teriam gasto cerca de 15 000 anos para percorrer a distância que separa o que é hoje o Alasca do sul do Chile.

O império Inca dominou, dos sécs. XI a XVI, a costa oeste da América do Sul. Os incas viviam em cidades como Machu Picchu (foto) e produziam sofisticado artesanato em ouro



Antonio Ribeiro



Em 1998, a Sociedade Americana de Arqueologia reconhece Monte Verde, no Chile, como o mais antigo povoamento na América: 12 500 anos. Para chegar ali, os ancestrais dessa tribo, que caçava mastodontes, devem ter cruzado Bering há cerca de 27 500 anos

RASILEIROS

Descobertas recentes da ciência mostram que a história dos índios brasileiros é mais rica e movimentada do que se imaginava. Seus alunos vão adorar conhecê-la

POR ROBERTA BENCINI E MARCELO ALENCAR



Análise recentíssima num crânio achado no noroeste dos EUA revelou traços polinésios. Uma prova de que os povos que vieram para a América eram de raças mais variadas do que se acreditava

CLÓVIS

Em 1995, a americana Anna Roosevelt anuncia ter encontrado, restos de cerâmica datados de 7 500 mil anos, um dos mais antigos do mundo

MONTE ALEGRE

MONTE VERDE

Gamma



Os astecas viviam onde hoje é o México. Conheciam a escrita e eram agricultores, construtores e temidos guerreiros, mas foram derrotados pelos conquistadores espanhóis

Janduar Simões



No final de 1998, urnas funerárias feitas com uma técnica elaborada foram achadas no Amapá. A descoberta reforça a tese de que a Amazônia foi ocupada por civilizações avançadas nos últimos 10 000 anos

Fernando Vivas



Depois de fazer escavações no sertão baiano, a arqueóloga Maria da Conceição Beltrão (de vermelho) faz uma surpreendente afirmação: o homem teria vivido na região entre 200 e 300 milênios atrás!

Heiko Hui



Espalhados pelo litoral, os sambaquis – depósitos de conchas, cerâmica e ossos humanos – são os sítios arqueológicos mais pesquisados do país. Neles, há pistas sobre dietas alimentares e costumes dos índios. O mais antigo, no Vale do Ribeira, em São Paulo, tem 11 200 anos



...e o homem chega à América

Uma leva migratória de *Homo sapiens*, saídos da Ásia há quase 30 milênios, pode ter iniciado a colonização do nosso continente

Pelo menos sobre uma coisa os pesquisadores concordam: a humanidade não surgiu na América. Os primeiros seres hominídeos viveram na África 11 milhões de anos atrás. O povoamento do mundo decorreu. Alcançou a Ásia, de onde se espalhou para a Europa, a Oceania e, enfim, as terras do chamado Novo Mundo. A grande novidade da ciência é que a chegada dos imigrantes primitivos pode ter ocorrido há 27.500 anos, e não há 12.000, como se supunha.

Evidências chilenas

Armas, utensílios e restos de comida encontrados pelo arqueólogo norte-americano Tom Dillehay na região de Monte Verde, no Chile,

foram reconhecidos no ano passado como legítimas evidências da ocupação humana da América do Sul, há 12.500 anos. O achado derruba a "teoria de Clóvis" (confira o infográfico na pág. 10), que limitava em 12.000 anos a presença de pessoas por aqui. E vai mais longe: se a porta de entrada dessa gente foi mesmo o Estreito de Bering – que separa a Sibéria do Alasca –, o momento da chegada recua mais 15 milênios, tempo gasto pelos andarilhos para atingir Monte Verde.

Metrópole primitiva

Anna Roosevelt, colega de profissão e conterrânea de Dillehay, anunciou em 1995 a descoberta de sítios arqueológicos que provariam ter existido uma grande civilização em Monte Alegre, no Pará, há 11.200 anos. Depois de examinar pinturas rupestres, artefatos cerâmicos e restos de alimentos, ela especula que o local teria sediado

Anna Roosevelt: suas pesquisas na Amazônia indicam que um dia houve uma civilização metropolitana em plena floresta



Reprodução/Keju Kobayashi
"Descobrimto" do Brasil: os índios já conheciam o território há milênios

uma "metrópole" com 300.000 habitantes. Anna está convencida de que alguns pedaços de cuias e vasos que achou têm até 7.500 anos. Uma vez confirmada a suspeita, a tese de que os índios brasileiros passaram a dominar o manejo do barro há 3.000 anos também cai por terra.

Ancestral polinésio

Um ano depois do anúncio de Monte Alegre, um esqueleto agitou a comunidade científica. Em Kennewick, no Estado de Washington, EUA, dois estudantes encontraram um fóssil humano de 9.300 anos que apresenta traços anatômicos semelhantes aos dos polinésios. É sinal de que nossos ancestrais andarilhos podem ter mais de uma origem, talvez muitas. Os meios de comunicação trazem, quase diariamente, notícias sobre essa temática. Mantenha seus alunos bem-informados.



Diego Goodberry/The Museum, Chicago



Biblioteca Nacional

Soldados índios de Moji das Cruzes, J. B. Dabert

Ironia histórica: índio matando índio

MASSACRE

Claro que, na época da chegada de Cabral, ninguém contou quantos nativos habitavam a área hoje ocupada pelo Brasil – a missão seria impossível, tanto pelos recursos disponíveis, quanto pela dispersão dos indígenas. No livro *História dos Índios no Brasil* (Companhia das Letras, 1998), a arqueóloga Manuela Carneiro da Cunha explica que não existe consenso entre as estimativas sobre o assunto. Em 1949, Steward calculou o a população em 1,1 milhão; em 1976, Denevan afirmou que só no Brasil central, na Amazônia e na costa nordeste viviam 6,8 milhões de pessoas. Os historiadores concordam que, por volta de 1650, os índios americanos haviam sido reduzidos a uma parcela ínfima do total original: Doblins avalia que as perdas – por doenças ou como resultado de conflitos contra os brancos – podem ter alcançado 96%. Em 1995, o Instituto Socioambiental estimou em 300 000 o número de índios no país.

SAMBAQUIS

Sambaqui, nome tupi, deriva das expressões *sambá* ou *tambá* (concha) e *qui* ou *quire* (dormir, fazer). Seu significado, amplo, pode ser traduzido como cemitério. Trata-se de um tipo de colina formada por depósitos de areia, conchas, cascas de ostras e moluscos, além de restos de fogueiras, ossadas humanas e de animais, artefatos de pedras, ossos e dentes. Em Santa Catarina registram-se formações com centenas de metros de comprimento e até 20 metros de altura. O mais antigo sambaqui do país, com 10 000 anos, foi encontrado em Capelinha, no Vale do Ribeira, São Paulo. Ali, enormes conchas que abrigavam caramujos com quase 100 gramas de carne dão pistas da dieta alimentar de povos primitivos. Até o período colonial, os sambaquis espalhavam-se pela costa brasileira e pelas margens de rios. Usados pelos portugueses como fonte de cal para a construção de casas, praticamente sumiram no Nordeste.



Modelado Weiswicz

Sambaqui: a colina é um gigantesco depósito de conchas e esqueletos

OUTRAS TEORIAS

Das teses que pretendem explicar a origem dos nossos antepassados, muitas carecem de evidências que as tornem incontestáveis. Algumas parecem absurdas, mas foram formuladas por cientistas de renome.

A antropóloga Niède Guidon admite a possibilidade de que “os primeiros grupos chegaram até o continente há pelo menos 70 000 anos”. Ela se baseia em vestígios que indicariam atividade humana ancestral em São Raimundo Nonato, no Piauí.

Ossos de animais, datados de 300 milênios atrás e escavados por Maria da Conceição Beltrão na Bahia, exi-

DATAÇÃO

Calcular a idade de um achado arqueológico é tarefa complicada. Dos métodos de datação disponíveis, os cientistas elegeram três mais confiáveis:

■ Carbono 14

Preciso na análise de materiais com até 50 milênios. Baseia-se no fato de que a cada 5730 anos a quantidade de átomos radiativos de carbono na matéria orgânica cai pela metade – fenômeno conhecido como meia-vida. Um aparelho chamado acelerador espectômetro de massa conta os átomos de carbono de massa 14 dessa matéria, determinando sua idade.



Eugenio Savio

■ Urânio-Tório

Empregado no estudo de objetos com milhões de anos. Funciona pelo mesmo princípio do método carbono 14, mas toma por base as meias-vidas do urânio 238 e do tório 230, mais longas.

■ Termoluminescência

Confiável no exame de achados com poucos milhares de anos. Não se detém na radiatividade dos materiais, mas numa emissão de luz. Por essa técnica, o fóssil é aquecido e libera, em forma de luz, energias que capturou e reteve em sua estrutura cristalina. Considerando-se o ambiente em que o material foi encontrado e a quantidade de energia existente nas diversas épocas, é estabelecida sua idade.



Nas cavernas: assim viviam os homens há 300 000 anos

briam marcas feitas pelo homem. Se a teoria tiver fundamento, os primeiros brasileiros foram peludos moradores de cavernas.

O professor Walter Neves, da Universidade de São Paulo, sustenta que um crânio feminino encontrado por ele em Lagoa Santa, Minas Gerais, descende diretamente de uma leva de imigrantes que teria saído da África há 120 000 anos.

Retrato de corpo inteiro dos ex-donos do Brasil

Não existe o Índio, assim como não existe o Europeu. Os fundadores deste país-continente são um painel de muitos povos e culturas diferentes

Se você visitar as 500 áreas indígenas demarcadas no Brasil, encontrará índios falando só o português, outros falando o português e uma língua nativa e outros se expressando em idiomas que mais parecem grego com japonês.

Os 300.000 índios que vivem no país não falam apenas o tupi-guarani – tronco lingüístico que abrange 30 nações indígenas – mas cerca de 170 línguas diferentes: Nambikwara, Suruí, Juruna, Pataxó, Bororo, Karajá, Ticuna e Kadiweu, entre outras.

Imagina-se que todas elas têm uma origem comum, assim como o italiano, o português, o romeno e o francês derivam do latim. Porém, não se conhece ainda a língua-mãe dos indígenas. Sabe-se que a maioria delas deriva de quatro troncos lingüísticos: o tupi-guarani, o jê, o aruak e o karib. Algumas não se encaixam em nenhum desses ramos e são consideradas isoladas, como o makú e o yanomami.

A maneira de um povo se comunicar ajuda a entender sua cultura. Como dizia Fernando Pessoa, "A pátria é a língua". Foi a análise das línguas indígenas que permitiu agrupar as tribos para melhor ordenar seu estudo.

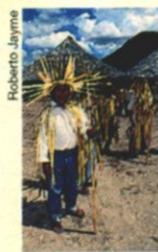
E OS DESAPARECIDOS?

A notícia de que a população indígena voltou a crescer causa espanto. Muitos pensam que o futuro desses povos é a extinção, já que aos poucos vão sendo incorporados à população brasileira. Mas, ao contrário do que se supõe, a maioria das nações que



Povo Kamakan: sobrevive apenas nos livros

zação, as tribos que viviam na costa ou se aliaram aos portugueses, e com eles se miscigenaram, ou foram eliminadas. Parte delas já vivia no interior da mata, ou nela se refugiou, e lá ficou relativamente isolada até 1900. A expansão da agricultura, os seringais, os pastos, a abertura de estradas, as madeiras, o garimpo e o progresso desordenado dizimaram, literalmente, inúmeros povos. Aqueles que foram descobertos a tempo por Rondon (SPI) e pela Funai conseguiram salvar a pele e alguma terra com as demarcações das Áreas Indígenas. E assim, mais protegidos, voltaram a se multiplicar.



Makuxi (Karib) *
Melquiades Peres Neto, na maloca de Bismark, em Roraima. Dos 15.000 índios dessa nação, a maioria se concentra na Al Raposa/Serra do Sol (NE de RR), ameaçada pelo garimpo do ouro

Yanomami (Yanomami)
Dez mil habitam as cabeceiras dos rios Negro e Branco. Malária e chacinhas feitas por garimpeiros são a grande causa-mortis desse povo



Makú (Makú)
Joanico Dias, um dos 1.241 Makú do Alto Rio Negro, fuma um cigarro de epadu, planta que ele mesmo cultiva



Ticuna (Ticuna)
Seis áreas ticunas abrigam 50 aldeias com 21.000 índios. Piscicultura, óleo de buriti e exportação de cestos de tucum são novas fontes de renda desse povo



Kulina (Arawá e Pano)
2.550 Kulina habitam o Acre e o Amazonas, e 500 o Peru (Foto: doentes com catapora, no Acre)



Kayapó Xikrin (Jê)
A exploração de mogno pelas madeiras (1989-1993) quase destruiu a Reserva Xikrin: destruiu o grupo, causou danos ambientais e doenças



Kanamari (Katukina)
Situados na Al Sete de Setembro, próxima ao rio Juruá, os quase 500 Kanamari sofrem pressão e são explorados por seringueiros e madeireiros



Tenharim (Tupi)
Cacique Luís Tenharim, cuja aldeia, à beira da BR-230, pratica intensa caça, pesca, coleta de castanha e agricultura

Suruí Paiteer (Mondé)
A reserva dos 600 índios Suruí está sob ameaça do narcotráfico



Nambikwara (Nambikwara)
Em 1990, eram 885 índios. Na foto, preparativos para a Festa da Moça Nova, na fronteira entre RO e MT



Guarani Kaiowa (Tupi-Guarani)

A mais numerosa nação indígena atual (30.000 membros), numa plantação de soja em Dourados (MS)



Panará (ex-Krenakarore) (Jê)
Foto do primeiro contato com os "índios gigantes" no Xingu, durante expedição dos irmãos Villas-Boas, em 1973



Bororo (Jê)
O melhor informante do antropólogo francês Lévi-Strauss, que estudou os Boro



Zo'e ou Poturu (Tupi-guarani)
Um dos últimos povos "intactos" da Amazônia, com seus embe'po, adornos labiais feitos com madeira poturu



Wayana-Apalai (Karib)
Instalados parte no PI Tumucumaque e parte na AI Paru D'Este (PA), áreas ricas em ouro e madeira, temem ter o mesmo destino dos Yanomami. A região ainda está intacta dada a dificuldade de acesso



Pankararú (Português)
Encenação festiva do núcleo indígena originário de Pernambuco, na favela Real Parque, no bairro do Morumbi, em São Paulo



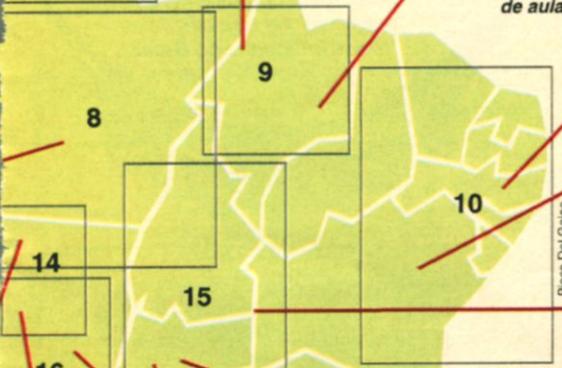
Guajá (Tupi-guarani)
Índia amamenta filhote de porco do mato, pois os adultos foram mortos em caçada para alimentar a tribo



Guajajara (Tupi-guarani)
Celina, da aldeia Zítiva, aprende tupi em sala de aula do Maranhão



Pataxó (Português)
Caminhada para ocupar a Fazenda Paraíso, em área reclamada pelos Pataxó da reserva Caramuru-Paraguassu, em Pau-Brasil (BA)



Xerente (Jê)
Índios formam time de futebol em Miracema do Norte (TO). E lutam contra estradas que irão cortar suas terras



Krenak (Krenak)
Ailton Krenak liderou grupo que reivindicou e obteve devolução de terras indígenas em Resplendor (MG), 1993



Kaingang (Jê)
Índia vende artesanato em Laranjeiras do Sul, no Paraná: forma de sobrevivência



E, em Nonoai, no Rio Grande do Sul, os índios Kaingang expulsam colonos brancos de suas terras



Karajá (Jê)
Dividem-se em 3 sub-grupos: Javaé, Xambioá e Karajá. Estes últimos vivem em 18 aldeias ao longo do rio Araguaia, em frente à Ilha do Bananal (PI do Araguaia, em TO), mas também no Mato Grosso e no Pará



Kamayurá (Tupi-Guarani)
Os 16 povos que habitam o Parque do Xingu trocam seus produtos: os Waurá fabricam a cerâmica usada por todos, trocando-a pelos arcos Kamayurá e os colares dos Kalapalo



Xavante (Jê)
Mário Dzurú'ra, o popular Juruna, primeiro deputado federal índio do Brasil, ficou famoso por gravar as promessas dos políticos. Nos anos 70, sua voz levou denúncias e reivindicações para além do Congresso



Entre os índios do Alto Xingu, a cerimônia do Quarup – em que troncos simbolizam os mortos – é um rito de passagem

Povos indígenas e regiões geográficas

1. Noroeste Amazônico
- 2.1. Roraima - Serra e Lavrado
- 2.2. Roraima - Mata
3. Amapá/Norte do Pará
4. Solimões
5. Javari
6. Juruá/Jutai/Purus
7. Tapajós/Madeira
8. Sudeste do Pará
9. Maranhão
10. Nordeste
11. Acre
12. Rondônia
13. Oeste do Mato Grosso
14. Parque Indígena do Xingu
15. Goiás/Tocantins/Sul do Maranhão
16. Leste do Mato Grosso
17. Leste
18. Mato Grosso do Sul
19. Sul

QUEM SÃO ELES?



Supõe-se que ainda existam cerca de 60 grupos indígenas sem contato com o homem branco. Em junho de 98, um avião da Funai sobrevoava a selva amazônica no Acre quando avistou uma área de malocas na região do Rio Envira, próxima à fronteira do Peru. Era uma nova tribo a ser pesquisada.



Índio de tribo desconhecida encontrado durante expedição do sertanista Marcelo Santos, da Funai, em Corumbiara, RO, 1995

Este mapa baseia-se no livro Povos Indígenas no Brasil (1991/1995), publicado pelo Instituto Socioambiental.
* Nas legendas de cada nação indígena, após o nome da tribo segue-se a língua ou o tronco linguístico a que pertence.
Abreviaturas:
AI = Área Indígena
PI = Parque Indígena

O rico almoxarifado da natureza

A vida material dos índios reflete a natureza que os cerca: da pedra, que, lascada, foi a primeira ferramenta do homem, ao barro, do tronco das árvores, às conchas, cabaças, sementes e fibras vegetais – tudo é usado com engenho e arte



Fibras



Máscara de ritual religioso: índios Kalapalo, do Mato Grosso, utilizam madeira, palha e tinta de urucum



Abano de palha: usado por povos da Amazônia para agitar o fogo



Cestos de cipó trançado: típicos dos índios Makú, do Alto Rio Negro

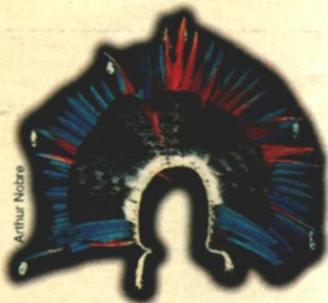


Para enfeitar a cabeça: o toucado dos Kayapó, Mekranoti e Xikrin



Rede feita com fibra vegetal: a "cama" de boa parte das tribos indígenas do Brasil

Penas



Cocar: principal adorno plumário dos índios, que indica o poder do cacique



Pelo processo de tapiragem consegue-se mudar as cores naturais das penas das aves



Brincos emplumados: a bijuteria dos índios do alto Xingu



Estojos de palha para guardar flechas dos Kayapó

Cerâmica



Estatueta típica dos índios Karajá, habitantes de Mato Grosso, Tocantins e Pará



Tartarugas Karajá, com decoração variada



Jarra decorativa em cerâmica: a mais rica atividade artesanal dos índios Kadiweu

Madeira



Banco talhado num só bloco de madeira, em formato de ave



Remo com cabo decorado



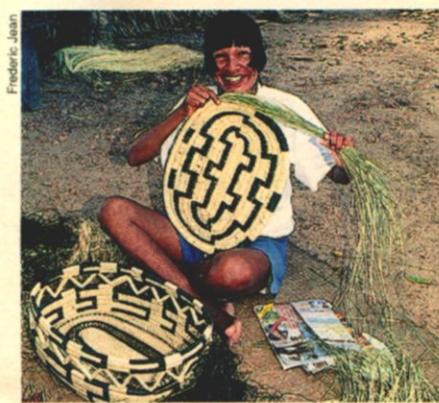
Pás de virar beiju, com padrões ornamentais e formatos diversos (região do Xingu)

Rituais de iniciação à vida, de sobrevivência e de morte

“A todo momento, a encantadora dama Yanomami nos oferece comida em pequenas porções: frutos da floresta, caranguejos e peixes de pântano, carne de anta, etc. Bananas na brasa acompanham tudo.”

Pierre Clastres, antropólogo

“Fui em busca do selvagem e encontrei o homem”. Assim Lévi-Strauss se referiu aos inícios de sua atividade de antropólogo. Todo povo possui uma explicação mítica para a origem do mundo e dos homens, fala sua própria língua, tem hábitos peculiares. Mas todos realizam algumas atividades comuns: festejam o nascimento das crianças, enterram seus mortos, têm cerimônias para marcar as várias fases da vida e possuem regras de comportamento social. Além disso, constroem casas, fabricam utensílios, plantam e colhem, têm seus momentos de lazer. O que os diferencia é o “modo de fazer” e a “explicação do porquê” o fazem de uma certa maneira. Veja a seguir algumas atividades básicas dos índios brasileiros.



As requintadas técnicas de trançado são transmitidas pelas mulheres, de geração em geração, por tradição oral. Índia da aldeia Macaúba fotografada no Parque Nacional do Araguaia



Índio da tribo Xerente pinta o corpo com jenipapo, em Miracema do Norte (TO). O tingimento e as incisões na pele mudam o estado de “nudez” para o de “vestido” e os padrões usados têm significação variada



A caça, a pesca e a coleta, apenas, não podem sustentar grandes populações. A agricultura do milho, da mandioca e de algum trigo é que garante a alimentação



Yanomami rala mandioca brava, que será prensada num tipiti para extrair o suco venenoso. A massa resultante, peneirada e torrada, vira beiju, ou, se for fermentada, torna-se bebida



Índios Kari-oca constroem uma taba em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Duas forquilhas, plantadas nos extremos, sustentam a travessa longitudinal, à qual se prendem caibros fixados no chão, que vão suportar as folhas de cobertura



Dança Aruanã entre os Karajá (Alto Araguaia). Os rituais marcam a passagem do indivíduo pelas diferentes fases da vida. E todos eles envolvem a confecção de artefatos, farta alimentação e convites a parentes e aliados



Pajé Kaiowa em cerimônia de batismo (MS). Em êxtase, ele canta e sacode o maracá, indagando aos seres celestes a procedência da alma e o nome da criança



Funeral de um pajé entre os Yanomami. Seguindo a tradição, cremam os mortos e guardam as cinzas em cabaças para posterior utilização em rituais coletivos

ILUSTRES DESCONHECIDOS

Nesse mês de abril, milhares de alunos vão sair das escolas com os rostos pintados de tinta plástica e penas na cabeça em comemoração ao Dia do Índio. Certamente, o tema da aula será a miscigenação do povo brasileiro formado por brancos, índios e negros. Os professores dirão que os índios moram na floresta, andam nus, falam outra língua e até que têm a pele vermelha. Muitas aulas acabarão aqui. Desse modo, o estereótipo do índio bom e pacífico ou selvagem e primitivo perpetua-se desde a chegada de Pedro Álvares Cabral. Ao dar uma aula assim, o professor incorre nos mesmos erros da maioria dos livros didáticos e dos meios de comunicação que reduzem todos os povos indígenas a um só. O Brasil desconhece seus 300 000 índios, suas 206 nações e suas cerca de 170 línguas nativas. Calcula-se que antes de 1500 eram cerca de 1 000 povos, mas mais da metade foi extinta sem deixar rastros. Segundo a Funai, há 56 grupos que nunca tiveram contato com não-índios e permanecem isolados. Muitos já incorporaram, em seu cotidiano, bens e produtos

industrializados e nem por isso deixam de lado sua identidade.

Em alguns pontos, eles até parecem iguais – nos traços físicos (asiáticos) e no modo de se relacionar com a natureza. “Também são responsáveis pela devastação de algumas áreas, mas não se consideram senhores do universo, a quem todas as espécies devem servir”, diz o antropólogo Luís



O cocar guarani (ao lado) é somente um símbolo de poder. O caiapó (abaixo) tem outros significados

Alexandro Marchetti

Donisete Grupioni. A terra pertence a todos da aldeia, que caçam, pescam, colhem e plantam o necessário para sobreviver. Entre eles não há crianças abandonadas.

Apesar de tantas características em comum, cada nação apresenta suas particularidades. Para dar um exemplo dessa variedade, tão grande quanto a dos povos europeus, observe os contrastes entre as culturas guarani e caiapó. Os Guarani são cerca de 3 000 índios que falam a língua guarani e vivem espalhados do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. No passado, dividiram-se em três grupos: ñandewa, m'buá e kayowa. Os Kayapó falam a língua de mesmo nome. São cerca de 4 000 índios, que moram no Pará e no Mato Grosso. Dividem-se em 17 grupos, como xicrin, mekrangotire e metuktire. Mas a grande diferença entre esses dois povos está no tempo em que cada um mantém contato com os brancos. Os guaranis, conhecidos desde 1500, sofreram muito mais influências que os Kayapó, “descobertos” apenas neste século. Mostre para os seus alunos que índios são diferentes de brancos, sim, mas também diferem entre si. Eis uma ótima oportunidade para romper velhos preconceitos.

A ALDEIA CABE NO COCAR

A disposição e as cores das penas do cocar não são aleatórias. Além de bonito, ele indica a posição de chefe dentro do grupo e simboliza a própria ordenação da vida em uma aldeia Kayapó. Em forma de arco, uma grande roda a girar entre o presente e o passado. “É uma lógica de manutenção e não de progresso”, explica Luis Donisete Grupioni. A aldeia também é disposta assim. Lá, cada um tem seu lugar e sua função determinados.

A floresta

O verde representa as matas, que protegem as aldeias e ao mesmo tempo são a morada dos mortos e dos seres sobrenaturais. São consideradas um lugar perigoso, já que fogem ao controle dos Kayapó.



Luiz Roberto Pereira

Os homens

A cor mais forte representa a casa dos homens, que fica bem no coração da aldeia. É a “prefeitura” Kaiapó, presidida apenas por homens. Aí eles se reúnem diariamente para discutir caçadas, guerras, rituais e confeccionar adornos, como colares e pulseiras.

As mulheres

O amarelo refere-se às casas e às roças, áreas dominadas pelas mulheres. Nesses espaços, elas pintam os corpos dos maridos e dos filhos, plantam, colhem e preparam os alimentos. Todas as choças têm a mesma distância em relação à casa dos homens.

OS GUARANI

Marcos Isaa



Picardo Telleri



Hylio Laganastora



Antonio Gauderio



Alexandre Marchetti



Alexandre Marchetti



As casas

A aldeia Guarani não tem a mesma ordenação circular da Kayapó (*confira na pág. anterior*). No centro fica a *opy*, casa de festas religiosas. Por dentro elas são iguais, sem divisórias. Por fora, os mais ricos constroem em alvenaria e os outros em pau-a-pique.

As crianças

Nenhuma criança tem tanta liberdade e independência quanto as indígenas. São respeitadas como adultos e amadas como crianças. O nascimento, em ambas as tribos, é muito festejado.

Para os Guarani, elas são quase sagradas, pois reencarnam parentes mortos. Para os Kayapó, o número de filhos indica a posição social dentro da comunidade. Há o grupo das moças prontas para casar e das recém-casadas sem filhos (*printi*), dos rapazes solteiros e dos casados sem filhos (*noronu*), dos que têm filhos (*mekrare*), dos que têm muitos filhos (*mekramti*) e dos velhos (*mebengêti*).

A fonte de renda

Aculturados, os místicos Guarani vivem da venda de artesanato. Sua gente busca o paraíso na terra, um lugar privilegiado por Deus. Os ambiciosos Kayapó não temem explorar suas ricas terras e derrubar quilômetros de florestas por dinheiro.

As artes

A roupa do Kayapó é a pintura de seu corpo. Traços, formas e cores impressos na pele identificam a idade e o número de filhos de cada um. Os Guarani preferem a música para se expressar e purificar a alma na trilha rumo a *yvi porã*, a Terra sem Mal.

Os rituais

Guarani e Kayapó reverenciam os ciclos da agricultura. No *Kuoro Kangô*, as mulheres Kayapó celebram o início do plantio da mandioca. No *Arapyau*, ano-novo Guarani, aldeias vizinhas se visitam, cantam e dançam para que seja gorda a colheita do milho.

Os alimentos

Mais do que uma comida indispensável, o milho rege todo o calendário religioso dos Guarani. Já os Kayapó, além do milho, não dispensam uma boa mandioca, de preferência assada. Eles detestam alimentos cozidos em água quente.

OS KAYAPÓ

Paulo Jansen



Gaetano DiPaola



Ara Anzufo



Paulo Jansen



Hank Whitmore



Ara Anzufo



ATIVIDADES PARA OS CARAS-PÁLIDAS

Monte uma linha do tempo para mostrar a infância dos índios. Depois, crie uma peça teatral

Aparentemente, a atividade proposta pela professora Mara Mansani, da EEPG Batista Cepelos, de Cotia, São Paulo, não tinha a ver com índios. Ela pediu aos alunos da 2ª série que perguntassem aos pais sobre o momento mais importante de suas vidas: o nascimento. Em seguida, reuniu a turminha em uma grande roda de leitura e apresentou livros, CDs, gravuras e artesanatos de diversos povos indígenas. Ao som de *Txai*, CD que Milton Nascimento gravou junto com índios Kayapó, leu um texto que contava a história do nascimento de bebês Xavante, Tapirapé e Karajá. Com

base nos dados do texto, os alunos traçaram uma linha do tempo, comparando suas vidas com a dos índios, e depois escreveram um pequeno livro sobre o tema. "Eles imaginaram o cotidiano dessas crianças e criaram a história de Benke, o indiozinho Kayapó", conta a professora. Por fim, dramatizaram a obra em um palco improvisado no pátio.



Leitura e dramatização: a professora Mara conta histórias de crianças indígenas (acima). Depois, a turma mostra o que aprendeu (abaixo)



Fotos Alexandre Marchetti

Caras-pintadas: à moda indígena



ARQUITETURA DAS OCAS GERA POLÊMICA

No Espírito Santo, estudantes comparam habitações dos índios e dos homens brancos



Fotos Vitor Biasutti

A atividade desenvolvida para as turmas de 4ª série pela escola Leonardo da Vinci, de Vitória, começou pela observação de livros que descrevem as casas de diversos povos indígenas. Em seguida, a professora e orientado-

ra pedagógica Maria Helena Salvato Biasutti sugeriu que os alunos traçassem a planta baixa de suas casas, a exemplo das ilustrações que aparecem nos anúncios de jornal. Logo depois, eles também desenharam a planta de uma oca Xavante.

Ao comparar o uso que cada cultura faz dos espaços, Maria Helena deu início a um debate sobre a qua-



Povos diferentes, moradias diferentes: ao lado, maquete de casa no estilo Xavante; à esquerda, modelo de oca Waiápi, de madeira e palha

lidade de vida de índios e brancos. "Nessa hora, os preconceitos vieram à tona. Os alunos achavam que índio não tem conforto porque é preguiçoso", conta a professora. Mas a atividade não podia acabar ali. Ela pediu às crianças uma pesquisa sobre o cotidiano de uma aldeia. Uma nova discussão esclareceu que índio trabalha sim, mas em função da natureza, sem os horários rígidos que controlam a vida do branco. Com a ajuda dos professores de Educação Artística, a garotada construiu maquetes de choças seguindo os padrões Waiápi e Yanomami.

SUGESTÕES PARA SABER MAIS

Livros

A Temática Indígena na Escola, Aracy Lopes da Silva, MEC/Mari/Unesco
Ticuna: O Livro das Árvores, J. Gruber, MEC
Viagem ao Mundo Indígena, Luis Donisete Grupioni, Berlendis & Vertecch
Índios no Brasil, Luís D. Grupioni, Global
A História dos Índios do Brasil, Manuela Carneiro da Cunha, Companhia das Letras
Ser Índio Hoje, Katsue Hamada e Zenun, Edições Loyola

CDs

Etenhiritipá (rituais Xavante)
Nande Reko Arandu – Memória Guarani

Sites

www.funai.gov.br
www.cimi.org.br
www.cr-df.mp.br/~dia/indios.htm
www.socioambiental.org
www.cosmo.com.br/provedor/unesco
www.museu.unibosco.br
www.ceveh.com.br/iama/iama.htm
 Todo o material é encontrado em livrarias e lojas especializadas. Os preços variam de R\$ 15,00 a R\$ 35,00. Você pode encomendá-los no Instituto Socioambiental, Av. Higienópolis, 901, São Paulo, SP, CEP 01238-001, Tel. (011) 825-7861, E-mail: socioamb@ax.apc.org

Mais informações

Centro Educacional Leonardo da Vinci – R. Elias Tommasi Sobrinho, 130, Vitória, ES, CEP 29055-660, tel. (027) 200-3320
EEPG Batista Cepelos – Av. Nossa Senhora de Fátima, 206, Cotia, SP, CEP 06700-000 tel. (011) 493-3253

